



THIAGO HENRIQUE DE SOUZA SILVA

**QUEM DANÇA SEUS MALES ESPANTA:  
RECORTE DA SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES  
LGBTT+ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS**

LAVRAS – MG

2020

THIAGO HENRIQUE DE SOUZA SILVA

QUEM DANÇA SEUS MALES ESPANTA:  
RECORTE DA SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES  
LGBT+ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do Curso  
de Graduação em Educação Física para  
obtenção do título de Licenciado.

PROFA. DRA. LARISSA FIGUEIREDO SALMEN SEIXLACK BULHÕES

Orientadora

PROFA. DRA. NATHÁLIA MARIA RESENDE

Coorientadora

LAVRAS – MG

2020

## AGRADECIMENTOS

Lançando um olhar sensível ao o começo da minha trajetória acadêmica, neste ponto, faz tudo parecer tão óbvio e cíclico que eu nem tenho certeza se eu contribui efetivamente em todas as possibilidades.

Sem dúvidas o que afirmo neste breve texto é o quanto o ensino-aprendizagem é maior que o todo. Eu sempre me perdi e não sabia exatamente quando ensinava e quando aprendia. Espero ser este o caminho que eu continue me perdendo e que todas as relações constituídas continuem sendo pontes para que juntos, possamos chegar mais longe.

Obrigado sempre me pareceu muito raso e não sintetiza especificamente tudo o que eu gostaria de dizer e compartilhar. Então, exponho aqui a minha mais sincera gratidão.

À todas as pessoas LGBTTQI+ que resistiram durante toda uma vida para que, seres como eu, pudessem ter voz e vez.

As mulheres da minha família, por terem sido sempre tão fortes, mesmo frente as adversidades e terem sempre me guiado pelos caminhos certos e me ensinado cotidianamente a ser forte.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela sua crença na ciência e ao então Ministro da Educação Fernando Haddad pela criação e implantação das políticas públicas que resultaram na minha formação.

A Beyoncé Knowles-Carter, Glória Groove e Liniker de Barros, por ser companhia durante a escrita e por ensinarem a sempre acreditar em mim e nos meus sonhos.

A 2015/2, os “15% do Thiago”, ao Centro Acadêmico, Videodance, Coletivo Re-Existir, Levante Popular da Juventude, Apartamento 112, Paradesporto UFLA, Educação Física UFRJ, pelos ensinamentos, convivência, zelo e por permitirem o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos companheiros do PIBID e Residência Pedagógica por terem sido companhia e aprendido em todos os dias. Especialmente Raquel Silva, Ana Carolina Assis e Alysson dos Anjos.

À todas as participantes desta pesquisa pela disponibilidade e colaboração.

As minhas orientadoras Larissa Bulhões e Nathália Maria Resende pela indiscutível paciência e comprometimento comigo e com a minha pesquisa.

Aos meus irmãos, biológicos e os de afeto, Júlia K. Oliveira, Gustavo Silva, Jamilly Danielle, Vanessa Silva, Lucas Freitas e Jean Gabriel, por terem segurado a minha mão em todos os momentos, inclusive nos que eu talvez nem merecesse, mas seguiram irredutivelmente acreditando em mim, no meu potencial e me dando suporte de maneira inenarrável.

Aos meus professores, todos e todas, que me ensinaram tanto. Especialmente Cláudio M. Oliveira, Maria Rachel Vitorino, Andrea Barra, Raoni Perrucci e Fernando Oliveira (*in memoriam*).

E também, Guilherme Oliveira, Amanda Aguiar, Júlia Botelho, Ana Cláudia Vasconcelos, Rênis Castro, Igor Lavallo, Laryssa Suzuki e Bruno Casale.

As pessoas que em algum momento e/ou em alguma medida, contribuíram direta ou indiretamente para minha formação e permanência na Universidade.

Um grandíssimo obrigado a minha mãe, Vicentina, pela inabalável confiança em mim em absolutamente qualquer coisa que eu me predisponha a fazer e sem pestanejar contribuiu diariamente para a minha permanência e resistência na Universidade. Seja como empregada doméstica, como trabalhadora braçal ou indo me assistir dançando, palestrando ou me apresentando sentando-se na primeira fileira com os melhores aplausos. Obrigado, mãe!

E a mim, por ter sido em todos os dias resistência, sendo voz a muitos que não têm os mesmos acessos e suporte que eu tive. Enquanto homem negro, gay e pobre é meu dever reconhecer o meu privilégio e fazer dele ponte. Assim como, ajudar na construção de universidade pública, gratuita, popular, preta e colorida. RESITO.

*REMEMBER WHO YOU ARE.*

*(The Lion King)*

## RESUMO

A facilidade de dissipação de informações faz com que as relações interpessoais sejam mais (ou menos) complexas, maximizando preconceitos e dificuldade de aceitação. Considerando tais fatos, é possível relatar o crescente número de sujeitos afetados por algum tipo de mal-estar psíquico, como por exemplo, ansiedade, estresse, ataques de pânico e aqui apontado, a depressão. O objetivo do presente estudo foi avaliar as consequências do preconceito e da discriminação na comunidade LGBTTT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) para a saúde mental de tais sujeitos; e avaliar qual a interferência da dança neste contexto. Utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, antes e depois da participação dos sujeitos desta pesquisa no projeto de dança no período de um semestre, e feita, também análise a partir do Escala de Autoestima de Rosenberg. Foi possível compreender que a dança promove uma melhora efetiva na autoestima e age positivamente ao que tange a autoimagem, mesmo em ambientes de preconceito e discriminação. Desta forma, houve uma melhora significativa no bem-estar individual e coletivo, assim como, obteve-se o sentimento de pertencimento de grupo fazendo com que a pressão acadêmica e os sentimentos de tristeza e incapacidade fossem atenuados.

**Palavras-chave:** Relações Interpessoais. LGBTTT+. Dança. Atividade Física. Depressão.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3. JUSTIFICATIVA.....	19
4. OBJETIVO.....	20
5. METODOLOGIA.....	21
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO A.....	32

## 1. INTRODUÇÃO

Entender-se como sujeito desviante de toda uma estrutura social que, desde muito cedo, faz questão de salientar um padrão e a reafirmar em todas as situações possíveis, é, por diversas vezes, encontrar-se só.

A todas as pessoas, e a mim não seria diferente, é latente o desejo de pertencimento a algo. Seja no encontro com seus pares ou com sua comunidade. Esta, talvez, seja a principal características de nós, dissonantes da hetero performatividade: a carência de pertencimento. Há, em suma, o desejo de não se sentir só.

Nem todos gozam completamente da possibilidade da sua livre expressão. Muito pela socioperformance introjetada. “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa”.

Sobre nós, há uma violência, ora sutil, ora mortal que é cotidiana e por diversas vezes, dilaceradora. Que neste ponto, nós possamos encontrar, juntos, formas de resistir e de continuar - ou começar -, o nosso mais bravo ato de coragem: a celebração de viver.

Dada a escassa, quase nula, produção acerca da saúde mental, e o entendimento do local de privilégio em que eu ocupo, sendo parte da pequena parcela da população brasileira com acesso ao Ensino Superior (e quando consideramos as variáveis de classe, gênero e raça, essa parcela é ainda menor), dado as minhas vivências, dentro e fora de sala de aula enquanto aluno ou enquanto professor, no ambiente universitário, nas diversas vezes que fora dada a chance de falar e a percepção que este é um local de privilégio, torna-se um dever ético e moral (ou parece um caminho interessante e propenso a diversos resultados que devem ser considerados) realizar esta pesquisa sobre a saúde mental LGBTTT+ no Ensino Superior.

A facilidade de dissipação de informações faz com que as relações interpessoais sejam mais (ou menos) complexas, maximizando preconceitos e dificuldade de aceitação. É possível, a partir de então, relatar o crescente número de sujeitos afetados por algum tipo de mal-estar psíquico.

Embora a internalização da homofobia seja uma experiência subjetiva e uma forma particular de sentir, vivenciar e experienciar o fato Rohm, Pompeu (2014) um contexto homotransfóbico favorece a formação de padrões cristalizados de expressão das necessidades e um viver inautêntico, desencadeando sentimento de tristeza e de angústia.

Díaz (2011) pôde observar em uma pesquisa que abrangeu 11 capitais brasileiras que em decorrência da vitimização homossexual, pessoas LGBTTT+, mesmo quando consideradas como invisíveis, se tornam mais propensos para relatar altos níveis de uso de drogas, evasão escolar, sentimentos de depressão, comportamento suicida e tentativas de suicídio. Nessas situações, o suicídio pode ser uma alternativa para pôr fim ao sofrimento.



Ainda de acordo com Freire et al. (2014) a prática regular de atividade física é fundamental em qualquer idade e tem sido considerada um meio de preservar e melhorar a saúde e a qualidade de vida do ser humano.

Seja qual for a modalidade física e esportiva escolhida, há uma série de benefícios que perpassam pela saúde física e mental ocasionando em um melhor condicionamento físico, maior disposição e também, melhora da saúde mental. Especificamente a dança, age como propulsor ao que tange dar sentido e significado as ações de todos os dias. Dançando, é possível rapidamente, superar desafios e descobrir-se melhor que outrora imaginara.

Considerando um parâmetro geral, as aulas de dança são coletivas fazendo assim como que haja uma interação com os outros sujeitos ali presentes. Todos estes pontos reverberam em um olhar positivo sobre si mesmo e a possibilidade de se compreender como sujeito pungente e pulsante, vivo. Este emaranhado de sensações permite um olhar para si com menos dureza e maiores entendimentos sobre si e seu lugar no mundo. Esta auto compreensão promove, ainda que sutilmente, uma melhora da saúde mental.

Considerando a comunidade discente LGBTTT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), o fato de não se reconhecer positivamente ou mesmo, não enxergar em si todas as infinitas possibilidades, com uma busca constante da concepção da sua identidade é impactante para possíveis comportamentos de risco como isolamento, não participação em círculos sociais, o que pode causar profunda tristeza e até mesmo desencadear transtornos psíquicos (FERREIRA; AGUINSKY, 2013).

Como supracitado, as violências simbólicas são, muitas vezes, fatores determinantes para a permanência ou desistência da graduação.

Observando a carência de estudos da Educação Física a referido tema e que diretamente tratam sobre a autoimagem e a interpretação do próprio ser, tal pesquisa parte da necessidade de preenchimento das lacunas no qual se correlaciona saúde mental à atividade física de sujeitos LGBTTT+.

Sendo alguém na busca constante de construção da própria identidade e do reconhecimento de si, reverberou-se no interesse particular sobre referido tema crescesse e se tornasse uma pequena lacuna preenchida das tantas que ainda nos restam.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os sujeitos LGBTT+ estão propensos aos julgamentos pela sociedade, tendo frequentemente seus valores morais questionados e uma série de violências simbólicas – silenciosas – a enfrentar, tornando estes os principais fatores para que haja uma maior sensibilidade que, por sua vez, contribuem diretamente para que o desenvolvimento dos transtornos mentais.

A Classificação Internacional de Doenças (CID) teve sua alteração promulgada durante a 43ª Assembleia Mundial da Saúde (1990), na qual o *homossexualismo* deixa de pertencer ao catálogo de doenças tendo, então, como nomenclatura correta ‘homossexualidade’. Todavia, no decorrer da história existem diversos períodos em que houve perseguições bastante cruéis a sujeitos LGBTT+ como por exemplo o golpe militar no Brasil entre os anos de 1964 a 1985 (GREEN; QUINALHA, 2014). Considerando um passado não muito distante, é possível citar aqui um dos maiores períodos de genocídio da história: o holocausto.

Ainda que não seja tão prudente a personificação de um ideal, neste caso em específico, é possível retratar o nazismo diretamente relacionado com a figura de Adolf Hitler. Os judeus não eram os únicos a serem perseguidos. Qualquer indivíduo que fosse dissonante do que pregava o nazismo, era perseguido e enviado aos campos de concentração (NEXO, 2017).

Conforme apontado por Elídio (2010), os nazistas se apoiaram no Parágrafo 175 do Código Penal Alemão para embasar a caça e perseguição aos homossexuais, o qual diz que “um homem que cometa atos contra natureza com outro homem ou com animais será punido com aprisionamento; a perda de direitos civis também pode ser imposta”. De acordo com Silva (2019), os prisioneiros eram identificados com triângulos pregados em seu uniforme como método de fácil reconhecimento visual, e os homossexuais eram marcados com triângulo rosa para que “pudessem ser mais bem reconhecidos de longe”.

No Brasil, especificamente da cidade de Barbacena/Minas Gerais, perdurou durante a maior parte do século XX o hospital psiquiátrico. Ali, conforme aponta Arbex (2013, p. 21): “tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos”

Sendo o Brasil o país que mais mata sujeitos LGBTT+ no mundo, inclusive considerando os 13 países do Oriente Médio e 78% dessas mortes, ao que tange a América Latina, essas mortes são extremamente violentas, conforme indica o Grupo Gay da Bahia (GGB, 2019).

De acordo com Drummond et al (2014), os fatores sociais devem ser considerados em relação à evolução de alguns casos, sendo que tais fatores podem interferir diretamente nas rotinas podendo chegar, inclusive a prejudicar a realização de tarefas. Entender-se e se assumir

como sujeito não heterocisperformativo na atualidade, especialmente no Brasil, é estar inserido em um contexto um tanto quanto complexo influenciado por diversos fatores sociais. Todas estas ponderações mostram de forma bastante clara, o quão grande é a pressão recebida da sociedade ao se assumir LGBTTT+.

Além disso, fatores como a falta de apoio familiar são prejudiciais para os sujeitos LGBTTT+, pois de acordo com Longary e Ribeiro (2015, p. 06) “a família é, talvez, um dos primeiros espaços educativos em que os sujeitos LGBT encontram dificuldades e embates com relação à sua identificação e reconhecimento enquanto tais, pois esta se constitui no primeiro espaço de socialização dos sujeitos.”

Também como reflexo social, desde 2007 com o REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades) cujo objetivo foi a ampliação e acesso ao Ensino Superior (BRASIL, 2007) viabilizou-se que mais sujeitos fossem componentes importantes nas Instituições de Ensino Superior e como efeito imediato houve exponencialmente o aumento das pluralidades.

Torna-se importante e relevante a consideração do recorte ao que tange o contexto LGBTTT+ quando consideramos a permanência destes na academia, como aponta Santos (2015) dizendo que ainda necessita compreender a universidade como espaço de formação de sujeitos.

Todavia, a suposta facilidade ao acesso, não é necessariamente, a garantia de uma permanência acadêmica que seja linear e livre de preconceitos. Desta forma, um dos principais pontos afetados, é sem dúvidas, a saúde mental. Nogueira (2017) pondera que estudantes na graduação, passam por um período crítico evidenciando uma alta prevalência de stress, ansiedade, perturbação do humor até abuso de substâncias psicoativas.

Rosa e Campos (2012, p. 02) pontuam que “as identidades são socialmente construídas nas interações cotidianas entre o sujeito e seu contexto social. Desse modo, o sujeito é produtor de sua identidade, ao mesmo tempo que esta é produto das condições sócio-históricas”.

Desta forma, pode-se entender o quanto o contexto social, aqui citado, a Universidade, pode ser fator determinante positivamente ou negativamente para permanência e, até mesmo, influenciar nas relações interpessoais. Sobre os estudantes universitários e a saúde mental:

[...] a prevalência de transtornos mentais em sujeitos homossexuais mostraram que a ocorrência de transtornos mentais parecia estar relacionada com eventos de vida, nos quais havia um contexto social hostil à orientação homossexual. Isto atingiu frequentemente a autoestima dos indivíduos, o que era acentuado pelo preconceito e estigmatização (GHORAYEB, 2007 apud MC COLL, 1994, p. 19).

Entendendo a atividade física como promotora de efeitos benéficos nos aspectos psicológicos, sociais e cognitivos, Matsudo et al. (2000), traz-se, então a importância e relevância da dança. De acordo com Barros (2017):

[...] a partir do fim do século XIX podemos assistir a pelo menos duas grandes mudanças nos posicionamentos poéticos sobre a dança, introduzindo, assim, maiores desafios ao pensamento filosófico e estético sobre esta arte. A primeira mudança poderia ser identificada como ruptura com um legado, uma ruptura coincidente com todos os passos dados pela dança moderna ocidental e, em particular, pela americana. A segunda mudança poderia ser identificada com a expansão das fronteiras da dança, onde se inclui todo o processo de indefinição disciplinar e de género artístico (BARROS, 2017, p. 03).

A imagem corporal é multidimensional, dinâmica e totalmente vinculada ao corpo em movimento, o que acarreta preocupações corporais relevantes (CARDOSO et al., 2016).

Corroborando Pereira e Lussac (2009), a dança constitui um valioso conteúdo educacional e um produto do conhecimento humano.

Partindo de uma perspectiva televisada, é pertinente falar sobre os *ballrooms*, no qual destaca-se: *Paris is Burning* (1990), *Pose* (Netflix, 2019) e *Legendary* (HBO, 2020).

*Ballroom* é mesmo um baile onde as casas e/ou grupos se reúnem para disputar diversas categorias de artes, como o *Voguing* (semelhante a dança hiphop, porém apresentadas por gays). Sair vitorioso, é também, ter um troféu que promove o título de “casa superior”. Conforme citado por Souza (2017, p. 01), “*Voguing*, é uma dança de rua inspirada nas poses das modelos na revista *Vogue* que era um dos únicos materiais de entretenimento a entrar nos presídios de Nova York”. A maioria expressiva das casas e das pessoas com necessidades de serem acolhidas, eram (e são) de LGBTT+ e latinos que, historicamente são marginalizados e constantemente ameaçados e perseguidos. As casas, vem na perspectiva de suprir as necessidades de família, de se ter um lar, de suprir a necessidade de pertencimento.

*Paris is Burning*, documentário estadunidense Lançado em 1990, se passa em Nova York no fim dos anos 1980 e é composto por uma série de entrevistas e, também, os desfiles e disputas nos *ballrooms* com pessoas que, marginalizadas a partir de diversos fatores (não somente sexuais e de género, mas também raciais, étnicos e de classe), se agrupam e, juntas, desenvolvem práticas artísticas que lidam diretamente com as expectativas, cobranças e paradigmas que atravessam suas vidas (SALES, 2015).

*Pose*, ambientada em Nova York, no final da década de 1980, retrata a vida de sujeitos LGBTT+ que vivem em condições de rua, expulsos de casa em relação à sua não heterocisnormatividade. Estes, são acolhidos em casas, cujo a liderança se dá por uma mãe, que não é necessariamente uma mulher, e sim, uma pessoa cuja função se dá como mantenedora dos seus, então, filhos. Enquanto grupo, esses sujeitos competem nos bailes, os *ballrooms* em que são disputadas diversas categorias como melhor figurino, melhor performance, melhor grupo entre outras. Para além disso, tangencia pelo desafios e dificuldades de viver sendo quem se é, no mundo em que acabara de diagnosticar os primeiros sintomas de HIV/AIDS, o preconceito latente e os poucos, ou nenhum, direitos políticos e culturais.

*Legendary*, em exibição no presente ano é também estadunidense e de Nova York, retratando as competições, via desfile, das casas que resistem ao tempo e que trazem consigo a cultura forte e presente do *ballroom*. Os desafios incluem arte, dança, *voguing* e a coesão enquanto grupo de sujeitos LGBTT+.

Ainda que haja a perspectiva do cinema e algumas histórias acabaram não aparecendo, as pessoas são reais nesses seriados e documentário. O baile, é real! O encontro com os seus pares, o acolhimento, a possibilidade de ser quem se é, de viver inteiramente, ainda que somente a noite, o sentir, o experienciar convergem diretamente na dança.

O ponto a ser ressaltado aqui, é o poder da dança no sentido de autoafirmação, de visão positiva da autoimagem e do poder transformador da dança, sobre os sujeitos LGBTT+. Das tantas possibilidades abarcadas pela dança, ela é como oportunidade direta ao que tange as possibilidades viáveis de prática de atividade física e também acolhimento.

Assim sendo, a dança em seus mais amplos benefícios, tem como função a promoção da saúde e também a capacidade de fazer com que o sentimento de acolhimento e pertencimento sejam endosso para a auto aceitação. Portanto, a presente pesquisa tem como hipótese de que a dança pode ter consequências diretamente positivas no sentido de prevenir e minimizar sintomas de depressão e ansiedade, principalmente nos sujeitos LGBTT+.

### 3. JUSTIFICATIVA

A partir dos contextos sociais em que os sujeitos LGBTTT+ são inseridos, especificamente nas relações interpessoais, nota-se uma maior tendência ao desenvolvimento de transtornos psíquicos em comparação a pessoas heterossexuais (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2009).

Atualmente, o Brasil emerge como um país de alto teor homofóbico diante do mundo, em relatórios, manchetes e trabalhos ao redor do globo. Mesmo com avanços importantes, como a criminalização da homofobia aprovada em Junho de 2019 (BRASIL, 2019), de acordo com o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2019) o Brasil ainda é campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais.

Neste sentido, visando contabilizar minimamente, o número de assassinatos de cunho homofóbico, o Grupo Gay da Bahia há 40 anos, realiza anualmente relatório sobre mortes de LGBTTT+ que fora publicado pela primeira vez, em agosto de 1981, no Boletim do Grupo Gay da Bahia, com a nominação de “Pesquisa: Homossexuais Assassinados no Brasil”, com base em notícias da mídia e boletins hospitalares. O último relatório apresentado pelo grupo, referente ao ano de 2019, aponta que a cada 26 horas um sujeito LGBTTT+ morre vítima de homotransfobia, dados que colocam o Brasil como país que mais se mata respectivos sujeitos, inclusive quando se considera países do Oriente Médio onde ainda se considera a homossexualidade como crime.

A Fundação Perseu Abramo produziu um denso estudo visando entender o preconceito da homofobia no Brasil, e principalmente, se a sociedade de fato o cultiva em seu seio. Por meio de entrevistas em diversas capitais, tendo ouvido 2.014 pessoas sem classificação por orientação sexual, 413 gays e lésbicas, tentando abranger a maior gama de diversidade entre eles, mostrou que cerca de 90% dos entrevistados afirmam ser o Brasil um país homofóbico (FELICÍSSIMO, 2014).

Santos (2019) pontua a graduação como agente de estresse com predisposição à depressão e Noce et al (2017) complementa apontando que a dança pode ser um aliado no tratamento da depressão, pois produz benefícios físicos, psicológicos e sociais.

Este trabalho se justifica pela escassez de trabalhos que relacionam Educação Física, dança e LGBTTT+ sendo, então, uma possibilidade de respaldo a produção acadêmica de referidos temas.

#### **4. OBJETIVO**

O objetivo principal deste estudo é investigar o efeito da dança na saúde mental da comunidade discente LGBTT+ da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Mais especificamente, pretendeu-se verificar o efeito da dança na prevenção e decréscimo dos sintomas de depressão dos sujeitos participantes.

## 5. METODOLOGIA

A pesquisa se insere no âmbito qualitativo, como sugere Chizzotti (2003, p. 221), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes”. Desse modo, cabe ao pesquisador buscar, via análise e interpretação, a construção de leituras sobre os processos que fundamentam determinadas concepções. Como apontado por Triviños (1987) não há extrema rigidez ao que tange a pesquisa qualitativas sendo, por vezes, as referidas informações passíveis de interpretação o que pode gerar, ocasionalmente a necessidade de uma nova pesquisa.

A pesquisa qualitativa, ao priorizar a interação pesquisador e sujeitos, pressupõe que a produção de conhecimento requer múltiplos e diferentes recursos metodológicos, que, no entanto, não esgotam a complexidade do estudado, motivo pelo qual numa pesquisa qualitativa, os aspectos quantitativos também podem ser considerados (BARDIN, 1977).

O participante desta pesquisa foi a comunidade discente LGBTTT+ da UFLA, com uma amostra inicial de 13 pessoas, havendo desistência de 03 participantes, contando, ao final com a participação efetiva de 10 sujeitos LGBTTT+.

Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista semiestruturada e a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR - ANEXO A) aplicados antes e após a intervenção pelas aulas de dança.

A EAR é uma ferramenta criada para mensurar a autoestima dos sujeitos. De acordo com Sbicigo et al (2010), a EAR pode ser entendida como um instrumento preciso cuja capacidade é de mensura da autoestima. Corroborando com os apontamentos de Santos (2008, p. 03) compreende-se que a EAR foi “criada por Morris Rosenberg , em 1965, para avaliar a auto-estima global e se transformou, ao longo de mais de quatro décadas, numa referência, sendo a escala de avaliação da auto-estima global mais utilizada na investigação psicológica”.

Nos estudos de Pechorro et al (2011) cujo objetivo foi a validação da EAR, compreende-se que a escala:

[...] foi desenvolvida a partir das pontuações de 5024 participantes de ambos os sexos, incluindo estudantes universitários e pessoas adultas provenientes de meios sociais diferentes e grupos étnicos diversificados. Originalmente concebida como escala Guttman, também pode ser cotada simplesmente somando os itens tipo *Likert* de 4 pontos (discordo fortemente = 0, discordo = 1, Concordo = 2, Concordo fortemente = 3), após se ter feito a reversão dos itens indicados (nomeadamente os itens 2, 5, 6, 8, 9). A pontuação na escala varia entre 0 e 30, sendo que pontuações elevadas na escala indicam auto-estima elevada e vice-versa. Alguns autores têm utilizado a EAR com escalas tipo likert de 5 ou 7 pontos para fins de investigação (PECHORRO et al, 2011, p. 02).



A entrevista semiestruturada foi elaborada especificamente para este estudo, levando em consideração o contexto universitário e a realidade dos participantes. A entrevista pré intervenção, teve as seguintes questões: 1) Como você se sente em relação a sua identidade LGBTTT+?; 2) Qual a receptividade dessa identidade na sociedade em geral?; 3) Como você se sente ao estar na UFLA como discente LGBTTT+ e quais os espaços de expressão desta identidade?; 4) Você já teve contato com a dança? Se sim, qual?; 5) Qual a relação da dança com a sua identidade LGBTTT+?; 6) Você acha que a dança pode atuar como facilitador para sua expressão indenitária? Se sim, de que forma?; 7) Você já experienciou algum momento depressivo na sua vida? Se sim, fale a respeito; 8) Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Já as entrevistas que aconteceram após a intervenção, foi norteada pelas seguintes perguntas: 1) Quais as suas impressões sobre as aulas de dança realizadas ao longo do semestre? Descreva os pontos positivos e negativos. 2) Como você se sentiu em relação as aulas? Notou alguma mudança pessoal? 3) A Dança teve alguma influência em sua autoimagem? Qual? 4) Você experienciou momentos depressivos ou de muita tristeza neste período? 5) Se sim, a dança teve papel atenuante neste período? 6) Você tem vontade de continuar participando das aulas de dança? Por quê?

As falas dos entrevistados foram analisadas por Análise de Discurso pela perspectiva Francesa conforme apontado por Caregnato e Mutti (2006) ao que tange a existência de diversos estilos, ao menos 57 no qual, todos perpassam pela não aceitação da noção de que a linguagem seja neutra e sim, que há a capacidade de descrever e/ou refletir sobre o mundo.

A multiplicidade dos significados da Análise do Discurso mostra fluidez para a análise das falas dos sujeitos (BRANDÃO, 2004). De acordo com Fernandes (2020):

[...] a Análise do Discurso, no entanto, considera as mais diferentes formas materiais significantes, além da noção de sujeito – não o sujeito da análise sintática, mas o ser que fala, no mundo seu contexto social e cultural, interpolado por uma ideologia. Em outras palavras, a Análise do Discurso considera que não há neutralidade sequer no uso mais rotineiro da linguagem (FERNANDES, 2020, p. 01).

A intervenção pelas aulas de danças aos participantes foi por um projeto de extensão da UFLA, o Projeto Incorpore, que oferece aulas de danças gratuitamente a comunidade acadêmica e a regional.

As modalidades são dança de salão, *ballet*, *jazz* e *Videodance*, e as aulas são oferecidas durante toda a vigência do semestre letivo e acontecem no Campus Histórico da Universidade, no Centro de Cultura.

Os participantes da pesquisa eram livres quanto a escolha da modalidade ficando a obrigatoriedade somente de participar regularmente das aulas, de 1 vez por semana por 20 semanas.

Não houve exposição de nenhum dos sujeitos como participante de alguma pesquisa na participação do Projeto Incorpore, sendo este apenas identificado igualmente como aluno (a) de dança. As aulas de dança foram ministradas por um(a) professor(a) do projeto de extensão, o qual tratava de forma natural todas e todos os presentes. Desta forma não houve, por exemplo, nenhum tipo de chacota ou demérito quando qualquer uma das pessoas, não acertava a coreografia proposta pelo(a) professor(a).

Todas as entrevistas aconteceram com uma semana de antecedência do início de participação nas aulas de dança e logo após o período da intervenção pelas aulas de dança no Projeto de Extensão Incorpore da UFLA. Mesmo que houvesse a possibilidade dos participantes se conhecerem, houve sigilo e a não identificação dos sujeitos participantes desta pesquisa.

A respeito dos participantes desta pesquisa (Quadro 1), todos eram residentes em Lavras/MG e estavam cursando as seguintes graduações: ABI/Engenharia Civil (n=1), Ciências Biológicas (n=3), Educação Física (n=1), Engenharia Ambiental e Sanitária (n=2), Medicina (n=2) e Medicina Veterinária (n=1).

**Quadro 1.** Caracterização dos sujeitos LGBTTT+ participantes da pesquisa

SUJEITO	IDADE (anos)	SEXO	GÊNERO IDENTIFICAÇÃO
1	23	Homem	Homossexual assumido
2	23	Homem	Homossexual assumido
3	24	Mulher	Bissexual parcialmente assumido
4	23	Homem	Homossexual assumido
5	22	Homem	Homossexual assumido
6	26	Homem	Homossexual assumido
7	24	Homem	Homossexual assumido
8	23	Mulher	Homossexual não assumido
9	23	Homem	Homossexual assumido
10	24	Homem	Bissexual parcialmente assumido

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa se dão a partir da coleta de dados que fora executada pelo pesquisador e da análise dos dados obtidos por meio das entrevistas com sujeitos LGBTTT+ antes e depois da intervenção pelas aulas de dança.

Entendendo a pressão universitária que coexiste com a vida acadêmica em andamento seja pela demanda das disciplinas ou até mesmo pela conclusão, a rotina na universidade pode ser sentida de forma diferente por cada um dos estudantes. Neste momento, é comum que se façam presentes, transtornos psíquicos como ansiedade e depressão que, em alguma medida, reverbera no vínculo social (SOUZA et al, 2010).

Partindo da prerrogativa que a atual “estrutura atual da vida acadêmica, repleta de pressões para a escolha do curso e para ter um diploma, ameaça do desemprego e fracasso profissional têm desencadeado a depressão, a ansiedade e o uso excessivo de medicamentos” (PEREIRA et al, 2015, p. 02), houve a compreensão da dança como recurso preventivo dos transtornos psíquicos, buscando, acima de tudo, o olhar para si e a possibilidade deste olhar como algo positivo.

No que tange ao primeiro momento da pesquisa, especificamente a primeira entrevista, foi possível compreender que a principal questão de todos os sujeitos LGBTTT+ participantes desta pesquisa, foi o momento em que se entendeu como sujeito não hétero no qual, experienciou-se profunda tristeza.

**SUJEITO 6:** “O momento que quando me assumi LGBT, foi um dos mais intensos, pra gente é muito difícil pra aceitar na sociedade que a gente vive, porque acaba que a gente cresce aprendendo uma coisa e faz outra. Então, acaba que tem uma confusão na mente, e é a pior parte pra um LGBT, por que ele não sabe se ele se assumir vai ser aceito ou se ele deve continuar agindo como todos agem, então esse foi um momento que eu mais tive depressão e que foram dias chorando.”

**SUJEITO 1:** “Eu estava passando por momento difícil, nessa época eu queria contar pra minha família que gay, mas estava com medo por que ela tinha acabado de sair de uma depressão e eu tinha medo de eu ser um motivo de depressão pra ela.”

No Questionário de Rosenberg (EAR), as respostas das perguntas enunciadas aos participantes, são apresentadas em quatro itens no formato *Likert* (concordo totalmente = 4; concordo = 3; discordo = 2; discordo totalmente = 1). Desta forma, os dados obtidos sobre a autoestima dos participantes desta pesquisa mostraram que apesar de não ter havido nenhum resultado abaixo de 10 pontos, não houve participante alcançando a pontuação máxima. Ou seja, foi possível compreender que ser um(a) estudante de graduação, pode ser um fator determinante sobre a qualidade da saúde mental. Como aponta Viscardi e Correia (2017) a respeito da EAR:

[...] metade dos itens é enunciada positivamente, sendo que as opções de resposta representam os números descritos, e a outra metade negativamente, [...]. A soma das respostas dos 10 itens fornece o escore da escala, cuja pontuação total oscila de 10 a 40, sendo que a obtenção de uma pontuação alta reflete autoestima elevada (VISCARDI; CORREIA, 2017, p. 04).

No que diz respeito as aulas de dança, foi consensual a importância que referida prática teve, principalmente no reflexo de auto imagem.

**SUJEITO 7:** “Me ajudou a melhorar na influencia da auto imagem sim, de não cobrar tanto , de não ficar se comparando tanto com as outras pessoas que tem o jeito dela e você o seu, você não vai ser igual ela, daí acho que a dança ajuda bastante também, por que cada um tem seu jeito, eu tenho meu estilo e a pessoa o dela.”

**SUJEITO 10:** “A dança é só aspectos positivos sim, comecei me achar mais bonito depois que comecei a me olhar no espelho dançando, como tudo funciona e expressar mais o que eu sinto também. A dança tira um pouco da pressão que fica na minha cabeça.”

Ao que tange as aulas de dança, nas quais os sujeitos deste estudo fizeram parte, há a compreensão de que durante o processo, houve o reconhecimento de pertencimento do grupo. Podemos identificar, também, a percepção de infinitas possibilidades não só do corpo pelo corpo, mas sim, o reconhecer-se no olhar do outro (FIGUEIREDO, 2011).

Compreender-se como parte de algo maior e a superação dos desafios, fez com que os relatos dos participantes se encontrassem no mesmo fim: a importância da dança como reconhecimento e melhora da clarividência sobre si.

A dança, em sua máxima significância, é e sempre será, muito mais do que apenas mais uma atividade física. Há, na dança, o poder transformador e com ela há, também, a possibilidade de superação de adversidades. Santos (2018) destaca a dança como um meio de expressão muito eficiente e ao mesmo tempo, um refúgio que colabora com a aceitação da diversidade.

Um fato que frequentemente foi exposto por todos os participantes, foi que eles se sentem mais seguros no campus da Universidade do que nos espaços da cidade. Como relatado pelo **Sujeito 4:** “Lavras tem um pouco de mentalidade passada, está mudando um pouco, mas me sinto mais a vontade dentro da Ufla”, e pelo **Sujeito 6:** “a receptividade sobre ser LGBTT pra mim está sendo muito mais fácil na Ufla do que em Lavras”.

De acordo com Teixeira et al (2008) a inserção à vida acadêmica, pode ser um fator determinante, visto que por vezes, é a primeira tentativa de implementar um senso de identidade autônomo. Portanto, tomando por base os relatos dos entrevistados, há dentro do campus universitário, uma maior segurança em relação a certos comportamentos, como por exemplo, a troca de afetos e esta mesma segurança não se aplica a cidade.

Aqui se compreende a universidade de modo orgânico e seus “pontos de referência a partir dos quais os atores sociais realizam suas reflexões para construí-lo e reconstruí-lo em um processo de fervura permanente”, como elucidado por Napoleon (2009, p. 03).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo os sujeitos LGBTT+ não pertencentes aos padrões heterossexuais com papéis sociais previamente designados, são mais propensos a serem psicologicamente afetados. Embora a internalização da homofobia seja uma experiência subjetiva e uma forma particular de sentir, vivenciar e experienciar o fato, um contexto homotransfóbico favorece a formação de padrões cristalizados de expressão das necessidades e um viver inautêntico, desencadeando sentimento de tristeza e de angústia. Nessas situações, são grandes as possibilidades de uma profunda tristeza desencadeando o suicídio como uma alternativa para pôr fim ao sofrimento.

Este estudo mostrou que a dança, por diversas vezes, foi secundarizada e não compreendida em sua magnitude. Outrora, não fora vista como forma de acolhimento ou mesmo resistência. Ao menos não pelos sujeitos desta pesquisa no período que antecedeu as aulas de dança.

Os sujeitos LGBTT+, compreendidos como minoria, cotidianamente são alvo de chacota e piada, como se houvesse algum demérito em ser quem se é e desfrutar integralmente de uma vivência plena no qual há grande conhecimento sobre si. Todos os dias, vidas LGBTT+ são violentamente findadas. Na maioria das vezes, cerceadas com extremo nível de violência. As referidas vidas, importam. Ainda com insistência da sociedade em colocar-nos a margem, como sujeitos minoritários, os quais existem e resistem.

O fruto desde trabalho é a compreensão de que muito além do aprendizado de uma sequência coreográfica, a dança age como peça fundamental no intuito da melhora no tratamento do ser, consigo mesmo. Entende-se que junto aos seus pares, os sujeitos LGBTT+ podem buscar na dança, acolhimento e o sentimento de pertencimento. Como supracitado, ainda que a sociedade insista em colocar tais vidas em órbita, a dança os tornam vivos, pulsantes e pungentes.

Neste ponto, é extremamente importante pensar que o corpo tem a dança uma extensão de si e resultando na possibilidade de construção de um microcosmo onde há possibilidade de liberdade, sedução e movimento.

Somos uma sociedade doente porque há um CISstema que nos adoce e nos categoriza, reforçando padrões a serem seguidos e reproduzidos, no qual há endosso a heteronorma. Sendo, então, a dança um atenuante frente essas mazelas justamente pelo fato de colocar todos de modo equiparado atenuando os sentimentos de solidão e proporcionando afetos.

Se fazem necessários mais estudos sobre essa temática, cujo olhar seja por uma perspectiva no qual se considere o contexto e as experiências individuais e que seja possível, também, a compreensão da dança a partir de uma expectativa não mercantil e sim como atenuante frente à uma sociedade complexa que subjetivamente e de modo silencioso, comete e endossa microviolências, incluindo o contexto universitário.

“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência.  
Nem uma culpa como nos fez crer a religião.  
O corpo é uma festa.”  
(Eduardo Galeano)

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Nayara. Como o regime nazista tratou homossexuais e o que a Alemanha está fazendo para repará-los. **Nexo Jornal**, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/06/Como-o-regime-nazista-tratou-homossexuais-e-o-que-a-Alemanha-est%C3%A1-fazendo-para-repar%C3%A1-los>>. Acesso em: 22 Jul. 2020.
- ALVES, Francisca Brigyda; AQUINO, Maria Rogéria Feitosa; CASTRO, Anúbes Pereira de. Suicídio de Universitários: o vazio existencial de jovens na atualidade e a pressão da vida acadêmica. **Caderno Verde de Agroecologia e desenvolvimento sustentável**. 2009.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BARDIN, Laurence. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. Tradução: **Ânálise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.
- BARROS, Marilsa Berti de Azevedo. Desigualdade social em saúde: revisitando momentos e tendências nos 50 anos de publicação da RSP. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. 17, p. 1-8, 2017.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRASIL. 2019. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>>. Acesso em: 22 Jul. 2020
- BRASIL. Ministério da Educação. **REUNI. Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. Disponível em: <<http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 19 Jul. 2020.
- CARDOSO, Allana Alexandre et al. Study of body image in professional dancers: a systematic review. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** [online], vol. 23, n. 4, pp. 335-340, 2017.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2006.
- CEARÁ, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. **Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice**. Revista de Psiquiatria Clínica, vol. 37, n. 3, 2010.
- CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 16, n. 2, pp. 221-236, 2003.
- DÍAZ, Margarita. **Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras**. 2011. 70 f. Tese (Doutorado) - Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva, Brasília, 2011.
- DRUMMOND, Bruno Lopes da Costa; RADICCHIII, Antônio Leite Alves; GONTIJO, Eliane Costa Dias. **Social factors associated with mental disorders with risk situations in the primary health care**. 2014.



- ELIDIO, Tiago. **A perseguição nazista aos homossexuais: o testemunho de um dos esquecidos da memória**. Campinas, SP: [s.n.], 2010.
- FELICÍSSIMO, Manuella. **Re(a)apresentações da homofobia e da homossexualidade: um estudo discursivo a partir de vídeos do kit “escola sem homofobia”**. 2014. 302 f. Tese (Doutorado) - UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- FERNANDES, Alan Tocantins. **O que é análise do discurso? Disponível em:** <<http://www.roseta.org.br/pt/2020/03/25/o-que-e-analise-do-discurso-como-pode-ser-usada-e-o-que-a-difere-de-uma-analise-gramatical/>>. Acesso em: 30 Jul. 2020.
- FERREIRA, Guilherme Gomes; AGUINSKY, Beatriz Gershenson. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **Revista Katálysis**, vol. 16, n. 2, 2013.
- FIGUEIREDO, Valeska Marlete Guimarães. A experiência da dança no projeto Aplysia: Uma descrição baseada em diferentes olhares. **Educação e Filosofia**, vol. 25, n. 49, 2011.
- FREIRE, Rafael Silveira et al. Prática regular de atividade física: estudo de base populacional no Norte de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, vol. 20, n.5, 2014.
- GGB. **Grupo gay da Bahia**. Relatório Anual. 2019. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em: 29 Jul. 2020.
- GHORAYEB, Daniela Barbeta. **Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades**. Campinas, SP: [s.n.], 194 f. Tese (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- GREEN, James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 1 ed. São Carlos. Edufscar. 2014.
- LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20 n. 62, 2015.
- MATSUDO, Sandra Mahecha; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; NETO, Turíbio Leite Barros. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, vol. 7, n.1, 2001.
- NAPOLEÓN. Murcia Peña. 03. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, vol. 7, n. 1, 2009.
- NOCE, Franco et al. **Incidência e níveis de depressão em idosos praticantes de dança**. UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- NOGUEIRA, Maria José Carvalho. **Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade**, 269 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Portugal, 2017.
- PECHORRO, Pedro. MARÔCO, João. POIARES, Carlos. VIEIRA, Rui Xavier. Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com Adolescentes Portugueses em Contexto Forense e Escolar. **Arquivos Médicos**, vol.25, n.5-6, 2011.
- ROHM, Ricardo Henry Dias; POMPEU, Samira Loreto Edilberto. A Homofobia como um fator determinante nas práticas discriminatórias para a produção de subjetividades: um estudo com

pessoas homossexuais em empresas do Rio de Janeiro. **Revista de Psicologia Política**, vol. 14, n. 30, 2014.

ROSA, Lucia Cristina dos Santos Rosa; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko. Etnia e gênero como variáveis sombra na saúde mental. **Saúde em Debate**, vol. 36, n. 95, 2012.

SALES, Nicolas Silva de. **Uma voz que ressoa pelas rupturas do corpo: encontros entre os estudos Queer e o documentário Paris is Burning**. Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Fernando Silva et al. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online], vol. 41, n. 2, pp. 194-200, 2017.

SANTOS, Jailson Batista dos. **A condição de ser LGBT e a permanência na universidade: um estudo de caso no curso de pedagogia - educação do campo UFPB**, 2017.

SANTOS, Paulo Jorge **Validação da Rosenberg Self-Esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior**. Universidade de Porto. Portugal. 12 p. 2008.

SANTOS, Renata Ferreira dos. **Dança e sua influência no processo de desenvolvimento da resiliência e superação em pessoas com e sem deficiência**. 238 f. TESE (Doutorado) Campinas, SP. 2018.

SBICIGO, Juliana Burges; BANDEIRA, Denise Ruschel; DELL'AGRIO, Débora Dalbosco. **Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, p. 395-403, 2010.

SILVA, Karen Pereira da. **Triângulos Rosa: a diversidade memorial dos prisioneiros homossexuais no holocausto**. 64 f. Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOUZA, Lúcio. **BALLROOM — Glamour, orgulho e resistência**. Disponível em: <<https://medium.com/@luciosouza/ballroom-glamour-orgulho-e-resist%C3%A2ncia-f8d393e095cb>>. Acesso em: 29 Jul. 2020.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escola e Educação**, vol. 12, n. 1, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

VISCARDI, Adriana Aparecida da Fonseca. CORREIA, Priscilla Mari dos Santos. Questionários de avaliação da autoestima e/ou da autoimagem: vantagens e desvantagens na utilização com idosos. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, vol. 9, n. 3, 2017.

## ANEXO A

### Questionário de Rosenberg

Nome: \_\_\_\_\_

Curso/período: \_\_\_\_\_

- 1- **Sinto que sou uma pessoa de valor, assim como são as outras pessoas .**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
- 2- **Eu acho que tenho muitas boas qualidades.**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
- 3- **Eu sou capaz de fazer tudo muito bem, assim como a maioria das pessoas.**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
4. **Eu tenho uma avaliação positiva em relação a mim mesmo (a).**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
5. **De um modo geral, estou satisfeito comigo mesmo (a).**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
6. **Eu não tenho motivos para me orgulhar da vida que estou levando..**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
7. **Considerando a vida que tenho, eu me sinto um fracasso.**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
8. **Eu sinto vergonha de ser do jeito que eu sou.**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
9. **As vezes, realmente, eu sinto que eu sou inútil.**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*
10. **Muitas vezes eu acho que não sou uma boa pessoa**  
(1) *Discordo totalmente*    (2) *Discordo em parte*  
(3) *Concordo em parte*    (4) *Concordo totalmente*

Assinatura e data

## ANEXO B

### Entrevistas transcritas na íntegra

#### **SUJEITO 01- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Não é uma coisa que me incomoda, me dou bem comigo mesmo, eu gosto de quem eu sou e não mudaria em nada disso.

Em geral a gente ver muito preconceito, mas quando a gente fala que sou bi, você chegar perto de varias pessoas e falar isso, você ver um pouco de espanto, tem gente que aceita de boa e continuam conversando com você, mas tem uma galera que fica afastado de você e não quer contato.

Dentro da Ufla nunca vi nenhum preconceito comigo, de alguém chegar e falar as coisas, aqui nunca senti isso, lá fora eu já senti. Mas, eu não acho que eu represente LGBTT aqui dentro, eu poderia estar mais engajado aqui dentro e não é uma coisa que eu estou, talvez por falta de tempo ou as vezes é algo que tem que falar em publico e eu não tenho corado pra ir. Mas me sinto bem acolhido aqui dentro, por que tem uma grande maioria da comunidade. Acaba que a gente se sente bem, por que eu sou muito comunicativo, converso muito com as pessoas e gera amizade, então isso me faz que eu não me sinta mal.

Não, ela poderia ter mais coisas voltadas pra gente, aquela coordenadoria, ela foi um avanço, por que quando entrei não tinha nada, então foi um avanço, mas poderia ter muito mais coisas aqui.

Antes dançava em casa, mas quando entrei na Ufla conheci o Videodance e foi na cara e coragem, brincando mesmo. Depois que eu comecei no Jazz, mas por questão de tempo precisei parar e no final do ano passado conheci o fitdance, comecei a partir, fiquei no fitdance e no videodance.

É que quando estou na dança eu não preciso me esconder, posso ser quem eu sou e posso fazer o que eu quiser, as vezes tem outras aulas aqui fora universitário, eu não posso ser quem eu sou e tenho que me conter, ainda mais por respeito com alunos e professores, na dança sou quem eu sou.

Sim, ela pode por que por exemplo, eu sou gay, porém não sou afeminado, gritando e se você chega num lugar as pessoas sabem quem você é. Mas não sou aquele que fica parado num canto, também sou tímido ou era na verdade, a dança ela veio pra tirar essa timidez de conversar com as pessoas e pra me divertir, pra poder dançar sem ligar pra o que as pessoas estão pensando. Ela me afirma cada vez mais, que posso fazer o que eu quiser independente do que as pessoas pensarem. Não vejo como ponto negativo as pessoas mais afeminadas, quando eu entrei na Ufla, eu tinha um leve preconceito, mas sempre em rodas de conversas, as pessoas LGBTT e falando do que mudou na Ufla e eu falo isso. Antes eu pensava que ser afeminado era ruim, mas hoje não, ser afeminado é lindo, cada um tem sua forma de expressar, hoje sou muito mais afeminado do que eu era e sou grato por isso. É um processo pra gente de aceitação, e pra mim quem é afeminado, é quem está lá fora levando tapa na cara por nós, eu poderia estar fazendo mesma coisa e não faço isso, eu admiro demais quem é.

Já, foi no meu quinto período em 2016. Eu estava fazendo uma disciplina que eu odiava, era obrigatório no meu curso, foi a única disciplina que eu fiz que pensei em trancar, mas eu estava passando por momento difícil, nessa época eu queria contar pra minha família que gay, mas estava com medo por que ela tinha acabado de sair de uma depressão e eu tinha medo de eu ser um motivo de depressão pra ela. Minha situação amorosa aqui estava toda bagunçada, foi na época que estava a questão de cortes de bolsas e me mantenho com bolsa, me colocou muito pra baixo, de querer só ficar em casa, de não querer sair e querer apenas ficar sozinho e chorando. Mas não cheguei a precisar de tratamento, foi quando comecei VideoDance e ai ficou tudo bem.

### **SUJEITO 01- Entrevista após o período de aulas de dança**

Então, eu não estava tendo muitas aulas em 2018.1, mas eu percebi que eu estava bem, estava conseguindo lidar com questão do TCC e estudar pro mestrado. Ponto positivo é que eu estava dando conta, e negativo é que eu estava ficando muito cansado, tanto emocionalmente e psicologicamente, eu usava a aula de dança como meio de esquecer os problemas naquele momento, também de distrair a cabeça.

Eu estava mais ansioso, por conta de estar formando, estava com uma certa preguiça, mas estava bem comigo mesmo.

Com certeza, era algo pra minha alta imagem, eu não tenho dificuldade de falar em público, mas a minha fala em público melhorou muito, minha relação com pessoas também, soube conversar e conheci pessoas novas a partir do momento que passei fazer aula de dança.

Não, não tive momento depressivo ou profunda tristeza.

Sim, continuei fazer aulas de danças e sigo pleno hoje.

### **SUJEITO 02- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Bem, eu não tenho problema nenhum em falar e fazer o que eu bem entender, tranquilo em relação a isso.

Meio complicado, por que é um preconceito meio velado e o pessoal pensa que aceita, mas na verdade não. Quando é próximo, o pessoal já fica com mais receio, mais preconceito, acho que é isso, preconceito meio velado.

Eu percebo que as pessoas aqui são bem mais receptivas, aqui é um pessoal mais tranquilo, mente aberta. De onde eu vim a cidade é menor, e são mais preconceituosos, mais fechados. Aqui tem bastante representante, movimentos, atividades.

Eu acho que sim, mas por dentro eu nunca vi, mas eu vejo bastante movimento, tanto na recepção de calouros, na palestra achei muito legal, o quanto está sendo receptivo. Só que por dentro eu nunca me envolvi com isso, mas acredito que a Ufla tem sim essa coisa de movimentos e de acabar com esse preconceito. Mas eu não participo, acho que é por causa da minha comodidade, não procurei saber algo a mais.

Acho que a dança é uma forma de expressão, então qualquer forma de expressão ajuda, influencia no fato.

Acredito que sim, por que vem de gosto também, você se sente livre, bem. Esses dias eu estava conversando com uns amigos, a gente estava dançando, e um deles falou “ eu me sinto livre, faço o que eu quero, eu danço do meu jeito “, em relação a identidade eu acho que é bom sim, eu gosto.

Depressivo não, eu não ligo muito pra certas coisas, acabou e acabou, estou bem e estou bem. Eu supero as coisas muito fácil, eu brinco que não tenho muito sentimento, sou frio. Acredito que momento de depressão não, ainda. Eu levo a vida mais leve, não sofri ainda.

### **SUJEITO 02- Entrevista após o período de aulas de dança**

Então, eu gostei muito das aulas, era um momento de alívio, de relaxar o stress da Ufla, era um momento de muita risada e divertimento, era uma descontração né, era bem legal.

Me sentia mais confiante, talvez até mais livre, uma experiência muito boa.

Acho que sim, além das mudanças físicas obviamente por causa da atividade em si, eu acredito que me deixou mais seguro, mas confiante sobre meu corpo e sobre mim. Foi um ponto bem positivo, por que pode até não parecer muito, mas eu era tímido e bem travado, então acho que soltou um pouco dessas amarras.

Senti muito não, apesar das correrias, das notas, poderia ter abaixado minha autoestima, mas eu não levava isso pra dança, pelo fato de ser um momento de descontração e um momento comigo mesmo, era bem legal.

### **SUJEITO 03- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Me sinto muito confortável, mais quando eu tento que lidar com quem eu sou, com minha identidade e gênero, a minha família eu acho complicado, eu não consigo ser totalmente quem eu sou. Acho que na dança eu consigo ser sexual com um homem, tanto com uma mulher e acho isso lindo, mas é mais isso, com a família eu não consigo me sentir confortável.

Acho que está crescendo muito, as pessoas estão se mostrando mais, deixando transparecer mais quem elas são. Acho que existem pessoas LGBTTT mesmo que tem preconceito com quem é bi, eu já ouvi pessoas falando “ será que ela gosta de menina mesmo ou ela faz isso pra se mostrar pra homem “, esse tipo de coisa eu já ouvi varias vezes aqui em Lavras e acho isso ridículo, e eu isso foi de uma menina que é lésbica. É difícil, mas a gente é bem recebido por outras pessoas, e outras não.

Na Ufla, não é tão boa assim, por ser um ambiente que tem mais pessoas azararias, vem de família mais tradicional, o pessoal que vem da roça tem mais cabeça um pouco mais fechada. Eu senti um baque quando vim pra cá, por que em São Paulo eu era mais de boa, pegava menina direto e ninguém vinha me encher o saco, aqui já fui reprimida pela minha republica quando morava uma menina lá, ela falou que só por que ela gostava muito de mim, ela me deixa ficar em casa, por que se não ia me expulsar por eu beijar meninas. Teve vezes que fiquei com minhas amigas em festas e teve alguns comentários, homem mesmo fica falando que a gente é sapatona, de um modo pejorativo. Acho que quando tem aquela semana de orgulho lgbt é muito gostoso, quando tem pessoas que apoiam, porém tem pessoas que ficam olhando com olhar de desprezo e isso machuca mesmo, imagino que todo mundo que é lgbt também sente isso.

Acho que sim, acho que na verdade a culpa não é da Ufla, por que ela propõe um monte de coisas, tem palestras, tem núcleo de estudo, acho isso bem legal. A Ufla tenta trazer isso sim, mas tem pessoas que entram aqui e querem afastar, nem todas, mas existem pessoas.

Sim, com ballet, hip hop, dance e videodance que engloba tudo isso.

De certa forma tem, por que na dança principalmente quando comecei fazer danças urbanas e eu achava muito entranho quando os professores falavam que certo movimento era mais feminino do que o outro, só que mesmo eles definindo tudo isso, por exemplo uma mulher conseguia fazer muito bem um movimento masculino, tanto o homem com movimento feminino, acho que a dança consegue mostrar que a gente não precisa ter uma coisa física ou um padrão do que devemos ser, acho que a dança é isso. Então, tem haver sim com quem eu sou, por que não quero me encaixar em padrões. A dança traz uma coisa que vem de dentro pra fora, também de fora pra dentro, mesmo tempo que a gente dança e mostra quem a gente é, a gente pega uma troca. O que você esta transmitindo quando se está dançando a pessoa está recebendo, acho que e um apoio, mostrando que aquilo que você está fazendo e muito legal e te da uma segurança.

Sim, ano passado no terceiro período que aconteceu muita coisa na minha vida, mas pela parte emocional por que eu estava me relacionando com uma pessoa, mas aqui em Lavras é difícil relacionar com as pessoas por que parecem que não entendem que você gosta delas, é difícil ver elas pegando outras pessoas e passei por um momento difícil nessa época. Minha amiga foi embora pra São Paulo, meu amigo trancou o curso por que estava com depressão, acho que isso absorveu a energia de tudo isso e eu já estava mal. Acho que só a dança me deixou bem, quando eu ia dar aula aquilo meio que saia, meio que jogava toda energia fora, coisa ruim. Ano passado foi difícil, não foi o único, mas foi o mais próximo.

### **SUJEITO 03- Entrevista após o período de aulas de dança**

Foram integrativas, com o intuito de trabalhar conexão entre os alunos durante a dança. Percebi que muitos alunos conseguem se soltar mais quando possuem uma pessoa ao lado para passar pela mesma experiência.

Com certeza. A dança me ensina a ter mais paciência comigo mesma e com as pessoas ao meu redor, me sensibiliza de forma tão intensa que quando danço ou vejo os alunos dançando, fico extremamente arrepiada!!

Sim, ao trabalhar muita atitude nas aulas e diferentes intenções nas coreografias, comecei a me enxergar de maneiras que nunca havia enxergado! As inseguranças mesmo que ainda presentes, na hora de dançar, eu tento ao máximo me sentir a vontade e ser quem eu quiser! Tanto que a maioria das vezes em que me sinto bonita, são quando estou dançando.

Sim.

Com certeza! Me ajuda ate hoje a colocar minhas emoções pra fora sem eu precisar falar.

SEMPRE SEM MINHAS AULAS EU NAO SOU NADA.

#### **SUJEITO 04- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Atualmente bem tranquilo, mas para me assumir foi um processo bem difícil, acho que o primeiro passo é você mesmo se aceitar, por que acaba que toda sua criação você tem que seguir um caminho e você saber que você não é capaz de seguir esse caminho, você começa se deprimir. Tive esse período difícil de me aceitar. Quando me assumi pra minha família foi mais tranquilo e atualmente levo bem tranquilo mesmo, todos meus amigos sabe, família a maioria sabe, quando eu namorava eu postava na rede social, tinha fotos, tinha relacionamento sério, então pra mim e bem tranquilo.

Então, eu acho que está melhorando, principalmente lavras, quem está aqui mais de 5 anos fala que a gente não via LGBTTT assumidos aqui na Ufla, a gente não via nas ruas, não tinha festas LGBTTT, não tinha lugar nenhum. Está melhorando, mas não podemos acomodar, é um busca constante pra nossos direitos e vemos que preconceito tem em todo lugar. Tem professores que não gosta de trabalhar com LGBTTT, tem comentário preconceituoso durante as aulas, alunos preconceituoso, a gente vê que em ciclos de amizades é excluído, comentário de atlética, a gente vê que está evoluindo, mas se a gente não continuar lutando diariamente pra nosso reconhecimento da nossa identidade, pode ser que a gente perca isso.

Acho que a Ufla é mais tranquilo do que o restante da cidade, quando eu namorava aqui, eu andava de mão dada tranquilo da Ufla, saia da Ufla eu evitava. Por que também nosso curso a gente tem um pouco de pressão quanto nossa imagem como futuros médicos, então dizem que não é bom paciente que te viu no dia te ver bêbado em alguma festa, se me ver andando com namorado não seria bom. Acho que Lavras têm um pouco de mentalidade passada, esta mudando um pouco, mas me sinto mais a vontade dentro da Ufla. Em BH que é mesma coisa, tem regiões que ando tranquilo, mas tem regiões que eu não ando por causa de medo mesmo.

Especificamente para população LGBTTT não, geralmente os LGBTTT andam mais em grupos mesmo e ocupamos o espaço dos héteros mesmo, eu não vi nenhuma discriminação muito forte nos ambientes da Ufla em geral, mas espaços específicos pra gente não. Fiquei sabendo que foi criado agora um coletivo LGBTTT e acabou que fiquei sabendo depois da reunião que ele foi criado, então eu acho que é o inicio de ter um espaço específico pra nós.

Eu comecei no fitdance mesmo semestre passado, já queria fazer há algum tempo, mas não fiz por motivos pessoais mesmo, comecei a fazer por que eu estava realmente mal psicologicamente, a dança me ajudou a melhorar.

Acho que sim e não, eu acho que quando me assumi eu tive pelo menos liberdade pra dançar, quando você está dentro do armário é mais difícil, pode mostrar que você é gay por exemplo. Eu vejo que muito hétero deixa de participar dessas atividades com medo do amigo “zuar” e falar que é gay, mas acho que dança é uma coisa que todo mundo gosta independente do gênero, mas a sociedade criou uma barreira que isso pode ser um indicio da sua sexualidade.

Sim, a dança você começa a conhecer melhor seu corpo e suas habilidades e tem mais interação social, então aumenta sua interação com as pessoas e isso te transforma, contribuiu na sua identidade.

Sim, eu logo depois que terminei meu namoro, foi um termino não muito fácil, a gente já estava num momento ruim, a gente tinha combinado de conversar e o termino acabou sendo por mensagem, acabou que eu fiquei bem mal com isso, foi um relacionamento longo e

foi meu primeiro namorado, fiquei muito mal e foi um período de férias. Ele faz Ufla e eu não queria voltar pra lavras, então no período anterior do término que a gente estava discutindo bastante e eu estava muito mal, eu tinha dificuldade de levantar pra vim pra Ufla, fazer atividade de áreas, foi diagnosticado com depressão e ansiedade generalizada, então qualquer atividade pra mim, parecia algo muito grande e que eu não dava conta de fazer, então eu ficava trancado em casa com medo de não conseguir fazer as atividades, depois com o tempo e apoio de família, amigos e dança, eu comecei a me reconstruir e ter uma identidade própria. Por que quando namora muito tempo acaba que identidade vira dos dois e dança teve um papel pra ajudar, hoje estou melhor, faço um tratamento e atividades físicas pra melhorar a qualidade de vida mesmo, bem estar.

#### **SUJEITO 04- Entrevista após o período de aulas de dança**

As aulas eram muito boas, eu gostava por que como eu sou da medicina e a gente só tem aula de medicina, era bom pra conhecer gente de outros cursos. Era muito animado, e eu gostava muito também, que mesmo com pessoas que tem diferentes técnicas, capacidades e conhecimento, sempre conseguia dar aula de um jeito que todos conseguia acompanhar, era muito bacana. De desvantagens, eu acho que como tem horário só a noite e 2 dias na semana, daí não batia pra eu ir toda vez, apenas isso mesmo.

As aulas foram muito boas na minha semana, era um momento que eu me sentia bem, e na questão de mudança acho que é uma coisa que contribuiu com que eu não surtasse antes, por que eu acabei surtando semestre passado não teve jeito, mas era uma coisa que manteve meu psicológico bem por mais tempo.

Ela é muito boa para o conhecimento corporal, até na questão de aceitação. Eu tenho muito problema de autoimagem em questão de roupa e tudo mais, tenho trabalhado isso, com psicólogo. E a dança é uma maneira de perder um pouco de peso por que eu tenho um pouquinho de gordurinha, ajudou isso e também na questão de se conhecer, na sua capacidade corporal, sempre ajuda.

Sim, semestre passado foi muito pesado pra mim, eu estava com 38 em créditos, e em 7 atividades extra acadêmico, além da dança e da academia que eu acabei nem fazendo. Chegou no final eu já não conseguia lidar com nada e também tinha problemas em relações interpessoais, acabei me afastando de algumas pessoas pela situação que eu estava, então tive um surto. Até teve semanas que assim eu estava muito atarefado, e eu falei que pras pessoas que não iria dar conta e fui pra casa em BH do nada, pra eu não surtar e conseguir colocar em ordem essa semana que eu tirei pra mim. Foi um semestre bem difícil, geralmente sou muito de boa, muito tranquilo e eu fiquei batendo de frente com coisa que eu não batia de frente, deu uma mudança no humor bastante, e no final eu acabei pegando um surto pela primeira vez e consegui recuperar, mas foi com muita autorreflexão de como eu estava levando meu curso, tanto que esse semestre eu tirei algumas coisas, não estou tendo problemas pra sair. Eu quero sair por que sei que é uma coisa que eu gosto, fico tentando achar meio termo, foi ruim mais foi bom.

Sim atuou como atenuante, que eu falei talvez sem ela eu teria surtado antes, e tenho momentos bons durante a semana, então deu uma ajuda boa, talvez se eu conseguisse fazer mais vezes por não está em tantas coisas acadêmicas, poderias ser um atenuante ainda melhor.

Sim, eu olhei nas paginas lá e não vai dar pra fazer esse semestre, mas eu queria muito continuar fazendo e queria muito voltar pro ioga também, mas não tem horário de nada.

#### **SUJEITO 05- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

A muito tempo eu me sentia meio que trancado mesmo dentro do armário, eu não imaginava que eu fosse me assumir, até por que minha família toda é muito conservadora e ninguém



esperava isso, nem eu mesmo esperava. Na minha cabeça eu iria casar com uma mulher e ter três filhos, e é isso. Depois que entrei na medicina, especificamente na minha turma que tinha uns 7 ou 8 LGBTTs, me senti mais tranquilo, tive amigos que me apoiaram e enxergaram esse meu lado, viram que eu tinha dificuldade nisso e me ajudaram a sair do armário. Depois disso me senti melhor e hoje acho que apesar das dificuldades que a gente enfrenta, família, casa e sociedade também, eu me sinto muito melhor ao que eu era antes, me sinto livre pra ser o que eu sou.

Acho que depende do lugar onde eu estou, aqui na Ufla me sinto bem à vontade pra me expressar, vim de uma cidade pequena que chama Rosário, lá todos tem uma mentalidade fraca e quando eu cresci eu não tinha alguém que eu via um LGBTT que tinha se assumido e andava com orgulho de ser LGBTT em Rosário, uns dois que eu sabia que eram a sociedade inteira julgava e excluía, pra mim foi bem difícil no início e acho que hoje ainda, se eu vou pra lá e encontro com amigos que eu conversava antes, tenho dificuldade em me expressar pra eles. E eu só quero viver minha vida tranquila e as pessoas n entendem isso, aqui na Ufla eu não sinto muito isso, mas vejo que as pessoas respeitam, mas colocando você ali no cantinho. Tem grupos de amigos também que a gente sente que somos excluídos, se eu quiser fazer futsal parece uma coisa de outro mundo, um gay fazer futsal.

Eu acho que não tem, não conheço espaço que são específico pra gente, mas ainda sim a universidade propõe um espaço aberto pra todos juntos, se eu quiser andar de mão dada com alguém do mesmo sexo eu vou andar, e não tem nada haver. Não oferece um espaço específico, mas acho que seria ruim, a gente iria se isolar, o coletivo não, por que é uma forma de luta, mas por exemplo, não vejo por que fazer um espaço exclusivo pra LGBTT, pra mim não faz sentido.

Eu sempre gostei de dançar, eu sempre fui muito sério e quando estou dançando me transformo, as pessoas vão saber que sou gay. Sempre me escondi bastante, depois que me assumi eu comecei a dançar mais e expressar da minha maneira. No fitdance entrei essa semana, fiquei interessado justamente pelo projeto e estou gostando bastante, acho que está sendo legal.

Sim, como eu falei eu sou muito sério, então para as pessoas que me veem andando, eu sou uma pessoa mais séria, muita gente nem vai saber que gosto de me expressar, e eu dançando as pessoas veem de cara.

Sim, quando eu danço me sinto bem dançando, consigo me expressar.

Passei por isso duas vezes, uma delas foi quando sai do curso e passei em medicina em Alfenas, quando fui pra lá fiquei depressivo por que não sabia o que eu queria, se queria engenharia ou medicina, fiquei muito mal, foi bem difícil. Voltei e fiz ABI aqui, também não gostei do curso, foi um ciclo bem ruim, depois que entrei na medicina aqui tudo mudou pra mim, e quando me assumi eu passei por outra situação também que foi ano passado, até me fez mudar pra Lavras por que eu morava com minha irmã antes, na minha família eu sinto que eu sou discriminado ainda, com pais e irmãos, eles não aceitam. Quando eu disse que eu era gay em casa, minha irmã se revoltou e falou um monte de coisas comigo, que ninguém gostaria de ouvir, isso me deixou bem pra baixo, mas tive ajudas de amigos e minha mãe quando expliquei pra ela.

## **SUJEITO 05- Entrevista após o período de aulas de dança**

Então, em 2018.1 foi um período que foi transitório pro meu curso, as disciplinas estavam mais clínicas e isso pelo menos me favoreceu bastante. Eu gostava bastante de todas as disciplinas que a gente tinha, exceto pediatria, e mesmo eu não gostando de pediatria, eu não gostava muito das práticas, as teorias é legal de estudar, e as aulas em si foram bem diminuídas assim, a gente tinha mais práticas do que teóricas. Basicamente, a gente ficava em consultório, por que foi essa transição que eu estou falando, por que as aulas em si foram muitas boas, os professores de pediatria são muito bons. O período girou em torno da pediatria e um pouco de cirurgia, como eu gosto de cirurgia, eu consegui levar muito bem o período, foi muito bom pra mim por que eu consegui levar as coisas que eu queria, gostei muito das aulas e eram muito boas, não tive muitas dificuldades e muitos problemas em 2018.1, que foi meu sexto período.

Em 2018.1 não percebi muita mudança não, quanto ao período anterior, em relação a mim durante as aulas, não tive muitas faltas e nem muitos problemas em assistir, gostei bastante de todas, aliais de todas provavelmente não, mas gostei do período em geral das aulas que a gente teve, não lembro direitinho de cada professor, mas eu gostava de estar nas aulas.

A dança em si pra mim vem com uma imagem de empoderamento, de você conhecer o seu corpo, de você saber os movimentos e você gostar disso, foi um período muito legal pra mim com as aulas que eu estava tendo no momento, depois tive até que sair que vem me fazendo bastante falta.

O sexto período não passei por nenhum momento de depressão ou tristeza profunda, conheço colegas que tiveram e participaram do programa simultaneamente na mesma época, mas eu em específico não tive não.

Eu fiz o projeto só em 2018.1, não continuei em 2018.2 nem agora, não por não gostar do projeto, por que o projeto foi uma atividade curricular que eu mais gostei na Ufla, foi uma atividade que me ajudou demais. Eu gostava muito do projeto, eu gosto muito de dançar e aprender as coreografias, agora realmente não da mais pra conciliar, eu não consigo mais ter uma vida social e participar do projeto ao mesmo tempo, então eu preferir ficar de fora. Sai de quase tudo nesse período, pra dar uma relaxada mesmo, pra eu ter meu tempo a sozinho, por que eu estou bem apertado, mas vem me fazendo bastante falta, eu gostava muito de participar do projeto. Hoje mesmo eu estava falando com amigos o quanto está me fazendo falta, eu realmente gostava bastante de participar.

#### **SUJEITO 06- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

No momento eu me sinto livre na verdade, tenho a liberdade de poder me expressar do jeito que eu sou, sem nenhuns obstáculos ou alguma negação, do que eu já fui antes.

Na minha cidade a receptividade de LGBTT, apesar de ter muito, não é tão grande igual ter aqui em Lavras. Aqui me senti mais à vontade como LGBTT do que na minha cidade. Até por que eu nunca senti uma represaria de me comportar do jeito que me comporto, até por ter experiencia de me mostrar afetividade em público, eu nunca recebi uma represaria, então pra mim no momento está sendo muito de boa.

Na Ufla eu vou seguir o mesmo raciocínio, por que pra mim está sendo muito mais fácil na Ufla do que em Lavras, levando em consideração que a população daqui é uma população mais antiga do que na minha cidade, não tem nem comparação.

Específico não, eu acho que a Ufla ela está incluindo a questão de LGBTT no meio, mas ter algo específico pra LGBTT não tem, nada que seja que algum espaço que foram feitos para uso de pessoas LGBTT, então não. Nós temos que estar nos incluindo nos lugares.

Na verdade, comecei fazendo teatro e através do teatro comecei fazer dança, na minha cidade. E teatro fiz 10 anos e na metade desse tempo eu comecei fazer a dança, tem mais ou menos uns 5 anos de dança. Só que era dança folclórica, então quando vim pra Ufla e descobri que tinha grupos de dança aqui e foi um livro de opções pra eu poder fazer. Eu sempre gostei de artes e derivados, acaba que eu me senti a vontade de poder estar fazendo as aulas, por que é uma coisa que eu gosto muito e uma coisa que ajuda também em questão do dia-a-dia. Foi um jeito de estar sempre em contato com a arte.

Ela não tem haver, mas acho que ela sempre me martela na parte de você se sentir do jeito que quiser naquele momento. Acho que a dança faz você se expressar, você sente o movimento e até mesmo a música, que você do seu jeito interno você vai expressar isso pra fora, então acho que a dança é muito importante pra quem é LGBTT.

Também, acho que o teatro é mais por que ele pega muito mais da questão de você sentir as emoções, você aprender a lidar com ela. Acho que a dança é uma volovã de escape, por que ali você solta tudo de uma vez, então você estar no meio, você tirar aquela barreira que a sociedade coloca, e falar assim “ olha, você não precisa disso aqui, na dança você pode ser quem você quiser, explode essa bomba de sentimentos que tem e curta a arte “.

Sim, na verdade o momento maior que eu tive em questão de depressão, foi no momento de me assumir, por que acho que esse foi o mais. Por que depois que me assumi, não tive um momento depressão tão grande, as vezes junto tudo, que é faculdade, morar fora e não ter ninguém por perto que possa te acudir, é uma coisa que pode levar a depressão. Mas um momento que quando me assumi LGBTTT, foi um dos mais intensos, pra gente é muito difícil pra aceitar na sociedade que a gente vive, por que acaba que a gente cresce aprendendo uma coisa e faz outra. Então, acaba que tem uma confusão na mente, e é a pior parte pra um LGBTTT, por que ele não sabe se ele se assumir vai ser aceito ou se ele deve continuar agindo como todos agem, então esse foi um momento que eu mais tive depressão e que foram dias chorando, até eu resolver falar com meus pais e poder discutir com eles o que eu queria. Me assumi com 20 anos, mas já me sentia diferente bem antes, até quando percebi que não dava pra viver do jeito que estou vivendo mais. E me assumi pra mim também, eu não me aceitava até eu falar com meus pais e ver o que eles achavam, a partir do momento que eles me aceitaram, eu já vi que eu não precisava ficar me negando das coisas, posso me aceitar do jeito que eles me aceitaram.

### **SUJEITO 06- Entrevista após o período de aulas de dança**

Então, eu sentia que a maioria dos alunos, tanto a minha pessoa também, procuravam aulas pra suprir a questão de estresse, de as vezes estava pra baixo, as pessoas procuravam as danças para aliviar os momentos ruins. Quanto professor eu percebi muito isso também, alunos que falavam pra mim que as aulas ajudam muito para aliviar os pensamentos de tristeza, como professor ali ensinando os alunos, eu também sentia isso, pra mim todo final de aula que eu dava era como se tirasse um peso do peito, por que naquele momento passa, esse é o ponto mais positivo da dança. De negativo eu não acredito que tenha, os alunos procuram essa questão de vincular as energias, tirar esse peso do dia, dos problemas pessoais, de problemas da faculdade. A dança é um condutor, seria um condutor de energia pelo corpo, para poder liberar energias boas, até como um grupo dos alunos que fazem as danças, eles se alto ajudam, uma energia que um libera ajuda o outro.

Eu senti um alívio como professor, ensinando os meninos a aliviar algum peso que tivesse acumulado aquele dia, ou em dias negativos. Você entra na sala, você inicia as aulas, parece que seus problemas que estão ali que vem durante os dias, eles simplesmente não se expressam, você tá ali e entra como uma energia 0, se entrar com qualquer energia negativa, durante a aula, é como se aqueles movimentos de dança, a musica e tudo, é como se fizesse você jogar tudo pra fora e conseguir eliminar. Todos geram energias boas e positivas, o ambiente fica leve, é um ponto que elas procuram, estar com pessoas que gostam da mesma coisa. Acredito que eu acabei ficando mais responsável e receptivo, pra saber como as pessoas estão se sentindo naquele momento e tentar ajudar, pra que elas se entrossem, era um dos pontos que eu procurava, trazer as pessoas pra dentro do grupo, isso foi um método, sempre pegar de surpresa todos e ninguém saber o que estava acontecendo. Na hora de passar as coreografias e todos se entrosarem e não pensarem que não sabiam dançar, foi um ponto legal, foi uma mudança minha.

Acho que sim, não sei explicar como, mas sendo professor e tendo alunos, as pessoas começar a te enxergar e sempre alguém te cumprimentar, então assim, eu criava antes uma questão de saber que estava lá igual todos, que ninguém iria me perceber e ficava meio acanhado. Quando entra num grupo de dança, aquele pessoal torna uma família e as pessoas começam a te notar no meio de todo mundo, isso acaba te ajudando a melhorar a auto imagem, se sente melhor e mais importante, ter um valor, isso melhorou muito. Como professor, fazia as apresentações e as pessoas notavam, você via que aquilo era um foco pra você e uma autoestima de continuar.

Não tive momento depressivo, acho que essas questões são bem mais complicadas, tive momentos pra baixo, numa questão mais branda, mas sempre tem momentos tristes, não digo de tristeza de afetar o interior, momentos pra baixo existem. Mas, na aula de dança é só questão de as vezes se sentir desencaixado, acho que na dança não tem momentos depressivos, algumas danças podem buscar dentro de você algumas intenções que algumas delas podem ser tristeza, se você estiver passando por momento ruins, ela traz pra fora, mas não acredito que seja

totalmente depressivo. Há não ser que a pessoa estava em algum momento ruim mesmo, e não conseguiu permanecer e acabar caindo nesse sentido. A dança tem essa questão de fazer as pessoas se entrosarem, o fluxo de energia seja possível pra todo mundo, seja bom pra todo mundo.

Eu continuei dando aula até semestre passado, adoro dança, faço dança ainda mais não na Ufla, faço na academia, não consigo viver sem dança, pelo menos uma vez na semana, que a musica faz com o corpo da gente. Eu amo dança e espero nunca ter que parar.

#### **SUJEITO 07- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Me sinto bem depois que eu vim pra Ufla, comecei a conviver com mais pessoas do meio LGBTT comecei a ficar mais a vontade, por que venho de uma cidade pequena e lá como a população é pequena não tem tantas pessoas LGBTT, os que são já são mais reservados.

Melhorou bastante, mas ainda é muito difícil, ainda mais de cidade pequena de onde eu vim. Aqui me sinto mais a vontade, de ter mais pessoas do meio LGBTT. Tem muito preconceito ainda, a gente não tem mesmos direitos ainda que os héteros tem.

Eu não sou muito envolvido nós movimentos não. Mas sempre tem movimentos na cantina, do pessoal do departamento de educação, então acho que sim.

Tive no ensino fundamental que tinha as apresentações, as vezes eu dançava, mas ter uma rotina não. As danças era a gente que escolhia a musica que estava bombando. Isso foi em 2009.

Eu acho que ajuda, mas não só em relação a isso, ajuda a se expressar melhor de várias maneiras, não só em relação a sexualidade, acho que ajuda sim. Ajuda no dia-a-dia e comunicação, você fica mais à vontade, mais seguro.

Eu não considero como depressivo, mas foi um momento mais difícil, mas não chegou a ser depressivo. Foi quando eu sai de casa pra vir pra Lavras, o primeiro período foi bem difícil, por conta da adaptação, estava longe da família, ainda não era assumido e foi isso. Quando vim pra cá não era assumido pra ninguém, eu não me aceitava, mas eu já tinha consciência, mas não queria me expor com medo do preconceito e medo da minha família, como eles iriam reagir a essa situação, primeiro filho homossexual.

#### **SUJEITO 07- Entrevista após o período de aulas de dança**

Então, eu acho que tem mais pontos positivos do que negativos, você sai da sua rotina, é um momento de descontração e diversão, digamos assim. Agora de pontos negativos, acho que não tem nenhum.

Então, como eu não pratico frequentemente as aulas, aí uma mudança pessoal durante as aulas, no começo eu senti um pouco de dificuldade de me soltar e expressar, mas com o passar do tempo e da aula, eu me sentia mais livre, acho que é isso.

Acho que sim, me ajudou a melhorar na influencia da auto imagem sim, de não cobrar tanto, de não ficar se comparando tanto com as outras pessoas que tem o jeito dela e você o seu, você não vai ser igual ela, daí acho que a dança ajuda bastante também, por que cada um tem seu jeito, eu tenho meu estilo e a pessoa o dela.

Não tive problema depressivo não, mas no começo quando se inicia, tem isso de se cobrar né, tipo “ eu quero fazer bonito igual as outras pessoas, e não é assim que acontece, tem pessoas que tem mais experiencia que você, sabe se expressar melhor que você e dançar melhor que você. Então não tive momento de profunda tristeza ou depressivo não.

Não continuei as danças, mas por questão de tempo e compromisso universitário mesmo, correria. Mas tenho vontade sim de tornar uma coisa frequente na minha vida, eu gosto muito e acho que eu me sentia muito livre durante as aulas.

#### **SUJEITO 08- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Eu me sinto bem, me sinto tranquila com isso, na minha cabeça já está bem claro do que eu gosto ou não gosto.

Eu acho que ainda é muito difícil, principalmente pelas pessoas mais idosos, a aceitação deles com isso é difícil, não sei se talvez pelo aprendizado que eles tiveram na época deles, mas hoje em dia tá melhorando.

Aqui na Ufla é um lugar bem legal, bem aberto a novas possibilidades, novos pensamentos. Eu vejo tem muita gente aqui também LGBTT e eu acho que aqui é tranquilo.

Não, eu vejo alguns canais no facebook, mas não são canais ativos, não tem muito publicação, são só páginas que as vezes postam algumas coisas, mais nada muito interessante e importante.

Eu gosto de dançar, sempre gostei. Me relaxa, me faz distrair do mundo que a gente vive, do estresse da faculdade, estresse das provas, a dança me relaxa.

Talvez, nunca pensei muito nisso, mas pra mim dança é uma forma de expressar, é um jeito físico de se liberar todas coisas ruins que tem dentro de você, então talvez toda aquela repressão que eu sinto pode ser liberada na dança.

Sim, com certeza. De um jeito que me deixa mais livre, pra eu me expressar do jeito que eu quiser, me deixa mais relaxada, me faz eu me entender melhor.

Já sim, mais nada relacionado a minha orientação sexual. É em questão de família e machismo.

Questões assim, já fiquei varias vezes e já tentei me matar. Mas nada relacionado a minha orientação sexual.

#### **SUJEITO 08- Entrevista após o período de aulas de dança**

As aulas foram boas, me incentivaram bastante, sair da monotonia do dia a dia, porém percebi que o público alvo era inconstante, às vezes iam, às vezes não iam

No horários das aulas eu me sentia com bastante energia e animada, quando voltava pra casa ficava lembrando os passos e pensando em colocá-los em prática novamente.

Sim, quando me olho no espelho fico mais animada com o que vejo, me sinto feliz com meu corpo, é grande parte disso tem a ver com a dança e a forma de se expressar

Graças a Deus nesse período em que participei das aulas de dança não tive períodos de grande tristeza. Em momentos anteriores às aulas passei por uma fase bem difícil, mas com a dança e ajuda dos meus familiares e colegas eu consegui não ter pensamentos negativos novamente

Resposta anterior foi negativa

Eu mudei o estilo/ritmo da aula, passei a fazer aulas de forro, pois acho que me encaixo melhor, mas não deixei de participar de aulas de dança

#### **SUJEITO 09- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Eu acho que é algo natural, não vejo como algo negativo não. Lido tranquilo com isso.

Comigo até que eu não tive muitos problemas, mas eu até percebo com outras pessoas, acho que talvez pelo meio onde eu estou, não seja algo muito negativo. Mas, vejo

pessoas que precisa estar em um meio tão hétero que eles não conseguem se adaptar, mas comigo não vejo essa diferença não.

Eu acho que aqui na Ufla, é como se fosse um campo que a gente se aceita mais do que fora dela, talvez pelo fato do pessoal aqui ter um conhecimento sobre isso e sabem respeitar mais do que fora daqui.

Eu não sei se a própria entidade disponibiliza, mas eu sei que existe certo movimento dos alunos que usam os espaços que são disponibilizados pela Ufla, mas a instituição diretamente eu não sei, mas os alunos procuram fazer.

Eu sou professor de zumba, eu nunca fiz aula de dança, eu comecei fazer aula de zumba, e posteriormente me tornei professor. As vezes faço umas apresentações, então tenho um certo contato com ballet contemporâneo.

Sim, eu acho que é uma forma de se libertar, pelo menos pra mim é um momento do dia que posso ser mas livre, não só por ser LGBTT, mas por eu gostar mesmo e poder me expressar.

Sim, não sei explicar de certa forma como, mas eu acho que sim. Quando eu estou dançando, eu tenho liberdade de fazer o que eu quiser e eu não fico muito preso, eu posso criar, posso usar a imaginação.

Não, nunca passei por algo de profunda tristeza.

### **SUJEITO 09- Entrevista após o período de aulas de dança**

Só tem pontos positivos, durante as aulas é um momento que o tempo passa de forma diferente, ela passa de forma muito rápida, como dizem que coisas boas passam rápidas, deve ser por isso. É um momento que eu tenho de poder me expressar.

Durante as aulas eu me sinto muito livre pra poder ser como eu sou, pra poder experimentar coisas novas, acho que mudou muito a questão pessoal, por que eu consigo perceber por exemplo, se eu me apresento de uma forma mais formal, de apenas conversa, é diferente se algum momento eu possa dançar nesse encontro.

Sim, ela melhora principalmente na forma de me portar perante o público em específico, não fisicamente não tanto, mas a forma de agir mudou bastante.

Não, nunca tive problemas com ansiedade ou nada do tipo.

Sim, continuo fazendo as aulas, no meu caso danças aeróbicas, mas pro publico fitness, e tenho vontade de continuar em umas danças diferentes, tipo urbanas ou clássicas, sempre quando eu tenho oportunidade eu gosto de continuar fazendo, mas não periodicamente.

### **SUJEITO 10- Entrevista anterior ao período de aulas de dança**

Atualmente estou bem seguro, por que antes eu não aceitava, mas depois que mudei pra Lavras e comecei a ver como é diferente, por que a cidade que eu estava morando é muito pequena, e tem que ter aquele padrazinho, mas nunca me identifiquei. Eu comecei a fazer dança lá, eu já percebi que tinha uma coisa que era diferente da realidade de lá, depois vim pra cá e passei a entender melhor e aceitar que é isso ai.

Por enquanto eu posso falar pelo o que eu vejo dos outros, por que eu não assumi pra família, nem pra ninguém, quem pergunta eu falo que sou bi, mas tem umas pessoas que nem isso eu falo. Eu não tenho essa noção exata, tem pouco tempo que eu assumi isso.

Na ufla eu acho que minimiza mais, não sei, mas o que eu vivi na minha cidade, se você fosse gay era susto pra cidade inteira, durante meses. Aqui não, se você é, você não precisa dar satisfação pra ninguém. E aqui sou só mais um, sou ninguém mesmo, é mais fácil.

Em partes, por que aqui dentro da ufla pro convívio diário não tem esse espaço, que você pode ficar a vontade, sempre parece que alguém te olha meio torto, que não aceita muito bem. Mas na dança, é um espaço que você não está nem ai, você faz o que você quiser e fica a vontade.

Já danço há 7 anos, um tempo bom, no grupo que eu fazia parte na cidade onde eu estava morando, tinha diferença em dança gay e dança hétero, tinha que dançar a dança hétero, não podia dançar a dança gay, que todos ia ficar falando, e eu ia ser comentário da cidade

inteira. Mas depois que eu vim pra cá, eu mudei totalmente meu jeito de dançar, fico mas a vontade assim agora.

Sem dúvidas nenhuma, a gente vai sem medo de ser feliz, o que sair sai e está ótimo. Penso como algo positivo, por que dança liberta, não tem jeito.

Não tenho certeza absoluta, mas eu acho que sim, por que na hora não percebi que era isso, foi uns 4 meses depois que minha mãe faleceu, e tive que começar trabalhar e do nada comecei ficar com dor de cabeça, não sabia o que era, fiz vários exames e não dava em nada. Eu sou ficava em casa, fiquei sem sair, depois que eu fui me tocar do que estava acontecendo, eu estava morando sozinho, solitário, só trabalhando, tendo que cuidar de mim do nada. Muito tempo depois que sai dessa situação que eu fui percebe que bem provavelmente era depressão.

#### **SUJEITO 10- Entrevista após o período de aulas de dança**

Nunca vi nada como pontos negativos, pra mim sempre foi uma forma de escape pra sair da pressão da faculdade, poder dar uma pausa e respirar de verdade, vejo mais esse sentido pra mim.

Tenho certeza que aconteceu e está acontecendo a todo momento, que é um momento de aprendizado constante, não de mudança, mas melhorar na personalidade como pessoa. Antes nem rebolava na verdade, agora danço até o creu.

Totalmente, por que eu não aceitava meu corpo, com esses momentos que sempre estou aqui fico me olhando no espelho, fico vendo como meu corpo funciona, como meu braço move, como a coluna se move. É um momento de concertar algumas coisas, por que tem momentos que estou com minha coluna muito curvada, ai me olho no espelho e vejo mas consigo arrumar, essa experiência consigo levar pra fora daqui, quando estou na rua eu sinto que tenho que arrumar minha coluna por exemplo. A dança é só aspectos positivos sim, comecei me achar mais bonito depois que comecei a me olhar no espelho dançando, como tudo funciona e expressar mais o que eu sinto também.

Não tive momento de tristeza, momento de dificuldade mesmo, agora perdi minha bolsa e tenho que pagar aluguel, estudar e é um momento difícil, pensando seriamente em parar, estou só tentando me manter na faculdade.

A dança tira um pouco da pressão que fica na minha cabeça, mas isso é uma coisa que desde quando danço geralmente acontece, por exemplo, minha mãe faleceu e foi um momento muito difícil, eu não saia nem de casa, só pra dançar mesmo. Continuo nas danças até hoje.